

ENSINO DE HISTÓRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: percepções e narrativas de estudantes da Educação Básica de Goiás, Brasil

Maria da Conceição Silva*
Cristiano Nicolini**

RESUMO: Para suprir a necessidade de escolarização durante a pandemia da Covid-19, os estudantes passaram a ter aulas no formato virtual e a enfrentar uma série de inquietações no processo de aprendizagem. Pensando nisso, passamos a desenvolver uma investigação com estudantes da Educação Básica do Estado de Goiás, Brasil, para captar as percepções e narrativas produzidas durante esse período de suspensão das aulas presenciais no componente curricular de História. A partir de resultados prévios, apresentamos uma análise a partir da perspectiva da Educação Histórica, mais especificamente através dos conceitos de aprendizagem e consciência histórica.

PALAVRAS-CHAVE: Educação histórica; Explicação histórica; Narrativas.

History teaching in pandemic times: perceptions and narratives for students of Basic Education in Goiás, Brazil

ABSTRACT: To meet the need for schooling during the Covid-19 pandemic, students began to take classes in a virtual format and to face a series of concerns in the learning process. With this in mind, we started an investigation with students of Basic Education in the State of Goiás, Brazil, to capture the perceptions and narratives produced during this period of suspension of classroom classes in the curriculum component of History. Based on previous results, we present an analysis from the perspective of Historical Education, more specifically through the concepts of learning and historical awareness.

KEYWORDS: History education; Historical explanation; Narratives.

Enseñanza de la historia en tiempos de pandemia: percepciones y narrativas para estudiantes de Educación Básica en Goiás, Brasil

RESUMEN: Para satisfacer la necesidad de escolarización durante la pandemia Covid-19, los estudiantes comenzaron a tomar clases en formato virtual y a abordar una serie de inquietudes en el proceso de aprendizaje. Con esto en mente, iniciamos una investigación con estudiantes de Educación Básica en el Estado de Goiás, Brasil, para capturar las percepciones y narrativas producidas durante este período de suspensión de clases en el componente curricular de Historia. Con base en resultados anteriores, presentamos un análisis desde la perspectiva de la Educación Histórica, más específicamente a través de los conceptos de aprendizaje y conciencia histórica.

PALABRAS CLAVE: Educación en Historia; Explicación histórica; Narrativas.

*Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista/Franca. Atualmente é Professora de História da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás. Contato: Rua 235, n. 741, S. L. Universitário, CEP: 74605-050, Goiânia-GO, Brasil. E-mail: mariacsgo@ufg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6228-5772>

**Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Maria. Atualmente é Professor Ajunto da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás. Contato: Rua 19 – Setor Central, 208/702, CEP: 74030-090, Goiânia-GO, Brasil. E-mail: cristianonicolini@ufg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2033-2910>

Conforme o *site* do Ministério da Saúde do Brasil, o novo agente do Coronavírus (nCoV-2019) foi descoberto em 31 de dezembro de 2019, após o registro de casos na China. No dia 26 de fevereiro de 2020, foi confirmado o primeiro caso de contaminação no Brasil, em São Paulo, desencadeando um processo de disseminação do vírus e sucessivas mortes no país. A situação sanitária provocada pela expansão da Covid-19 gerou uma série de problemas que afetaram as diferentes dimensões da vida humana, alterando as relações entre as pessoas de todas as camadas sociais. Um dos efeitos mais evidentes foi o conjunto de medidas de distanciamento social, incluindo as escolas e os sujeitos que nela interagem diariamente.

A partir desse quadro inesperado, repentinamente os educadores e as educadoras precisaram adaptar as formas de ensino e aprendizagem escolar, considerando que as aulas presenciais foram suspensas por tempo indeterminado a contar do mês de março de 2020. Nesse quadro de mudanças aceleradas, o ensino passou a ser desenvolvido a partir de estratégias adaptadas à situação de isolamento social. As aulas remotas foram adotadas como medida emergencial e temporária de ensino escolar, desencadeando diferentes debates acerca do tema.

Considerando estas transformações que ocorreram num curto espaço temporal, mas que afetaram a vida das pessoas em todos os lugares do planeta, podemos pensar nas repercussões desta experiência histórica na dinâmica das diferentes aprendizagens de estudantes da Educação Básica, durante e após o período de distanciamento social e de aulas remotas. O presente texto pretende apresentar dados preliminares e refletir teoricamente a partir de uma investigação *quali-quantitativa* que passou a ser desenvolvida por um grupo de pesquisadores da Universidade Federal de Goiás (UFG) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), cujo objetivo é compreender como esse processo se desencadeia em relação ao ensino de História para estudantes dos diferentes níveis e modalidades da Educação Básica no Estado de Goiás, Brasil.

Partindo de pressupostos da Educação História e da Didática da História, que investigam a construção do conhecimento histórico e da consciência histórica em múltiplos contextos de aprendizagem, buscamos interagir com crianças e jovens que frequentam as instituições públicas e privadas de diferentes municípios do estado de Goiás, através da aplicação de questionários que visam levantar dados sobre as formas, condições e resultados de aprendizagens durante o período da pandemia e do distanciamento social. A partir da análise desses questionários, pretendemos construir um quadro de análise sobre os efeitos desta situação de “suspensão” de aprendizagens convencionais (no espaço escolar),

considerando não somente o efeito do uso de outras ferramentas de aprendizagem (recursos do ensino remoto), mas também avaliando o impacto da situação social gerada pela pandemia sobre a consciência histórica dos estudantes.

O projeto de investigação a partir do qual a presente análise foi desenvolvida é apresentado como uma estratégia de apreensão e sistematização de informações que surgem em um contexto de incerteza e instabilidade acentuada, no qual professores e estudantes se encontram diante de desafios a sua orientação no tempo. Conforme Rüsen (2015) aponta, as pessoas tentam suprir às suas carências de orientação através da busca de respostas às suas inquietações e sofrimentos. O passado é uma das fontes de obtenção dessas respostas, desencadeando narrativas que são ressignificadas a partir das experiências do presente. O ensino de História, portanto, é um dos processos em que estas aprendizagens tomam forma através das estratégias propostas pelos docentes e das diferentes interpretações dos estudantes.

Considerando que a realidade provocada pela pandemia do Novo Coronavírus alterou repentina e bruscamente as condições de ensino e de aprendizagem, esta investigação se faz necessária para compreender, sistematizar, narrar e repensar o ensino de História no pós-pandemia. Como afirma o historiador Rafael Saddi:

Existe um momento, que pode ocorrer em uma sala de aula ou fora dela, em que uma narrativa histórica escrita ou oral, um relato de época, uma imagem, um filme, uma reflexão teórica, um gesto, uma música ou um texto literário do passado ou referente a ele produz uma suspensão dos elementos estruturais que ordenam o conjunto da percepção que temos do nosso mundo e de nós mesmos.¹

Como este tempo de mudanças aceleradas interferiu e que resultados trará para o ensino de História quando voltarmos à “normalidade”? Quais as novas carências, as novas perguntas, os novos sentidos que as aprendizagens históricas terão e que tipo de consciência histórica os sujeitos deste tempo estão formando e formarão após este período de “suspensão”?

O presente texto visa analisar os dados obtidos nos primeiros seis meses da referida investigação, cujos resultados parciais já revelam as interações de estudantes da Educação Básica do Estado de Goiás durante o período da pandemia do Novo Coronavírus, especificamente relacionadas às aprendizagens históricas através do ensino remoto. Buscamos perceber, como grupo de investigação, que tipos de aprendizagens são elaborados e como elas constituem consciência histórica sobre a realidade vivida durante o distanciamento social e as suas repercussões e significados.

Ideias históricas de estudantes na perspectiva da Educação Histórica

No campo da Educação Histórica, diversos trabalhos vêm se desenvolvendo a partir de intervenções em espaços da escolarização, mas também em outros lugares e momentos nos quais a aprendizagem histórica ocorre. Neste conjunto podemos destacar as investigações de Isabel Barca², Adriane Sobanski³, Lucas Nechi⁴, Rosi Gevaerd⁵, Marcelo Fronza⁶, Geyzo Germinari⁷, dentre outras.

Nessa perspectiva, existe uma racionalidade própria do pensamento histórico, que parte de uma epistemologia que o fundamenta. Diferentemente da Psicologia da Educação, a Educação Histórica e a Didática da História partem dessa condição para compreender como pensam os jovens acerca da história e de que forma se dá a aprendizagem neste campo do conhecimento. Um dos enfoques desse campo é investigar a qualidade do conhecimento histórico, baseando-se em pressupostos teóricos e filosóficos. A *quantidade* e a *correção* do conhecimento dão lugar a uma análise relacionada a *raciocínios* e à *lógica do conhecimento*.

Segundo Rüsen⁸, a consciência histórica dos jovens está diretamente ligada às suas identidades. Esta concepção dá origem a diversos estudos empíricos que buscam compreender de que forma estes alunos constroem a sua percepção do passado e como o conhecimento histórico se constitui levando em consideração as suas identidades, o seu meio de vida, os seus conhecimentos além da escola e as diferentes percepções que esses condicionantes podem gerar na aprendizagem histórica.

Assim como na sociedade não existe uma única forma de pensamento, também não encontraremos essa uniformidade na narrativa histórica. Há múltiplas formas de olhar para o passado e precisamos, como professores e professoras de História, avaliar essas versões, buscando a consistência empírica e a lógica que possam validá-las ou refutá-las. Por isso, é importante dar atenção às formas como os alunos e as alunas constroem ideias sobre *o quê*, *como* e *por quê* aconteceu um dado passado. Nessa trama, entram noções de explicação, significância, multiperspectividade e evidência. Tais conceitos dão forma à natureza da História como ciência, legitimando investigações que compreendam a aprendizagem histórica sem se afastar desses conceitos estruturantes do pensar historicamente.⁹

Na perspectiva da Educação Histórica e da Didática da História, enfim, o objetivo do ensino de História é que se construa uma ponte gradual e não um fosso entre o que os alunos e as alunas aprendem e o que os historiadores, as historiadoras, os filósofos e as filósofas da História pensam e produzem na academia. O desenvolvimento humano é compreendido a partir de uma atitude científica, ancorada na reflexão epistemológica sobre o conhecimento

histórico e social. Sem essa compreensão, a eficácia da aprendizagem histórica fica comprometida; por isso, é preciso ter ciência que os sujeitos pensam historicamente percorrendo vários níveis. Sob influência do construtivismo, das reflexões epistemológicas sobre conceitos e metodologias, do conhecimento histórico contextualizado, problematizado e aberto a múltiplas perspectivas e das metodologias de análise de dados de natureza qualitativa, os referidos campos investem não em modelos prontos a serem reproduzidos, mas em estratégias investigativas que aproximem teoria e prática, ampliando assim o horizonte de expectativas da aprendizagem histórica situada e significativa.¹⁰

O arcabouço teórico até aqui situado pode nos ajudar a compreender as ideias históricas dos estudantes no contexto da pandemia, cujos reflexos da cultura histórica interferem nas interpretações do tempo em que vivem. Captar essas ideias e narrativas produzidas no período em que as aulas de História estão ocorrendo de forma virtual ou a distância pode reunir informações que auxiliem nas investigações acerca das conexões entre aprendizagens históricas escolares e o tempo das mudanças aceleradas no qual as crianças e jovens participantes se encontram. São sujeitos desse tempo de pandemia, que se viram repentinamente forçados a aprender História através de plataformas virtuais, videoconferências, atividades encaminhadas pelas escolas, dentre outras alternativas que, apesar do esforço coletivo dos docentes e instituições, não conseguem substituir a presença no ambiente escolar, onde costumavam interagir até o momento da suspensão das aulas. São milhares de estudantes que se transformaram em sujeitos de um tempo cujo futuro é incerto, e cujas narrativas pós-pandemia poderão dar sentido ao fluxo da mudança e ao estado de incerteza que marcaram o ano de 2020.

Percepções dos estudantes de Goiás sobre o ensino de História no contexto da pandemia

O contexto gerado pela pandemia do Novo Coronavírus, em 2020, criou condições específicas em que essas aprendizagens e a identidade dos estudantes se reconfiguram bruscamente, o que nos leva a pensar em formas de recepção e compreensão das mudanças relacionadas às aprendizagens e ao “pensar historicamente”. Os dados oferecidos pelas narrativas destes estudantes são fundamentais para captar as nuances do processo histórico e seus impactos sobre o ensino de História escolar, em diferentes cenários do Estado de Goiás.

Para investigarmos as interações e as construções de aprendizagens históricas de estudantes goianos durante a pandemia e as aulas remotas adotadas em situação de distanciamento social, investimos na elaboração de questionários destinados ao levantamento

de dados para a posterior análise quali e quantitativa. Encaminhamos a aplicação de questionários através do uso do *Google Forms*, com alunos da Educação Básica das redes pública e privada de Goiás. Distribuímos os formulários entre as direções, coordenações pedagógicas e docentes de História das escolas, para que os enviassem aos estudantes das referidas instituições.

Os formulários já recebidos até o momento da escrita desse texto foram reunidos para a respectiva análise a partir dos referenciais da Educação Histórica e da Didática da História, buscando-se perceber como estes estudantes aprenderam os conteúdos desenvolvidos durante o período em questão (a contar de março de 2020), que ideias históricas elaboraram, e que tipos de consciência histórica desenvolveram neste percurso. Os dados obtidos serviram de base para a categorização das ideias e narrativas apresentadas por estes estudantes, visando construir um mapeamento das condições em que eles/elas aprenderam, o que aprenderam/significaram nesse período, como interpretaram essas aprendizagens no contexto de pandemia e que narrativas construíram a partir dessa experiência marcada pelo “estado de suspensão”.

Para captar as percepções e narrativas dos estudantes, foram elaborados dois modelos de formulário, um para o Ensino Fundamental II e outro para o Ensino Médio, com algumas adaptações na formatação das questões, porém mantendo os mesmos objetivos – compreender de que forma essas crianças e jovens vêm interagindo com o ensino de História através do Ensino Remoto Emergencial, e quais percepções e narrativas produzem durante a vigência desse modelo improvisado em tempos de pandemia.

Considerando os dois tipos de formulários respondidos até então, percebemos que a maioria das respostas foi de estudantes que se identificaram como pertencendo ao gênero feminino, em ambos os níveis de ensino (59,5% no Ensino Fundamental II e 70,7% no Ensino Médio). Quanto ao tipo de escola em que esses estudantes estão inseridos, em ambos os níveis a maioria corresponde a escolas da rede pública estadual de Goiás (78,6% no Ensino Fundamental II e 75% no Ensino Médio); em seguida, aparecem os estudantes da rede pública municipal de diferentes cidades do Estado no Ensino Fundamental II (19,8%) e da rede privada e pública federal no Ensino Médio (12% e 9,8%, respectivamente); por último, no Ensino Fundamental II aparecem 1,6% inseridos na rede privada e no Ensino Médio 3,3% na rede pública municipal.¹¹ Além do gênero, idade, etapa de escolarização e tipo de escola, os estudantes identificaram também as cidades onde estudam, todas pertencentes ao estado de Goiás.¹² A partir dessa contextualização, responderam a algumas questões objetivas sobre

como percebem e classificam a situação do Ensino Remoto Emergencial, mais especificamente no componente curricular História. Quando questionados sobre “como vem ocorrendo a sua aprendizagem em História durante o período das aulas não presenciais”, a maioria constata que está “pior que nas aulas presenciais” (45,2% no Ensino Fundamental II e 51,1% no Ensino Médio); em seguida, aparece a resposta “não sei responder” no Ensino Fundamental II (28,6%) e “da mesma forma que ocorria nas aulas presenciais” no Ensino Médio (27,2%); a terceira resposta mais indicada foi “da mesma forma que ocorria...” no Ensino Fundamental II (21,4%) e “não sei responder” no Ensino Médio (15,2%); finalizando, aparece a resposta “melhor do que era nas aulas presenciais” (4,8% no Ensino Fundamental II e 6,5% no Ensino Médio).

Numa primeira análise desses dados quantitativos, percebemos a predominância da insatisfação ou frustração dos estudantes de Goiás diante do Ensino Remoto Emergencial, cuja minoria das respostas aponta esse sistema como uma forma mais eficaz de aprendizagem. A partir dessas indicações, podemos projetar possibilidades de interpretação dessas respostas, cuja sequência vai oferecendo alguns dados explicativos através das questões discursivas. Para obter essas informações qualitativas no processo da investigação, foram propostas questões que solicitaram aos estudantes que apontassem quais temas ou assuntos das aulas de História eles haviam aprendido “com mais facilidade” e quais apresentaram “mais dificuldade” para compreensão durante esse período de aulas não presenciais.

Analisando o conjunto de respostas, no Ensino Fundamental II percebemos que os estudantes apresentaram mais dificuldades que facilidades de compreensão daquilo que vem sendo desenvolvido nas aulas de História. Predominam respostas que apontam conceitos substantivos (Primeira Guerra, Revolução Francesa, Guerra Fria, Roma, Revolução Russa, dentre outros). Quando questionados sobre a necessidade ou importância de seguir estudando História, mesmo em condições limitadas pelo ensino remoto, a maioria afirma que sim, apesar das dificuldades. Apontam diversos motivos que justificam essa resposta: “[...] pois talvez o momento que a gente tá passando vire história, e história é importante para saber o que aconteceu com a humanidade antigamente” (Estudante do 8º Ano do Ensino Fundamental, 13 anos, masculino, Goiânia - GO); ou “[...] para que nós possamos aprender o conteúdo que nos for passado assim como fazíamos nas aulas presenciais, para adquirirmos o conhecimento do passado, pois vai ser importante lá na frente, no futuro” (Estudante do 9º Ano do Ensino Fundamental, 14 anos, feminino, Goiânia - GO).

No Ensino Médio, também predominam respostas que apontam conceitos substantivos quando os estudantes são questionados sobre o que aprenderam com mais ou menos facilidade durante o período da pandemia, através do ensino remoto. Nas justificativas sobre a necessidade e importância de manter os estudos no componente disciplinar História, usam argumentos como esse da estudante de Goiânia (3º Ano do Ensino Médio, 17 anos, feminino): “[...] considero importante estudar história nas aulas não presenciais, pois se trata de uma matéria fundamental para a compreensão das civilizações mundanas. Dessa forma, essencial para o convívio harmônico e progressista entre os indivíduos”. No conjunto dos argumentos contrários à manutenção das aulas, destacamos a seguinte resposta: “Estou estudando para o ENEM, então atrapalha ter que ficar fazendo tarefas que às vezes nem dá pra aprender o conteúdo direito. Sendo que eu poderia estar estudando do meu jeito, que acho mais produtivo” (Estudante do 3º Ano do Ensino Médio, 17 anos, masculino, Inhumas - GO).

Percebemos, nessas respostas, que os estudantes apresentam percepções que não destoam daquelas que poderiam ser identificadas caso os formulários fossem aplicados em contexto de aulas convencionais (presenciais). Porém, cabe analisar de que forma o contexto de afastamento social, bem como o emprego de metodologias de ensino remoto podem interferir nessas percepções. Nesse sentido, lembramos as investigações da Educação Histórica e da Didática da História que levam em conta a cultura, a identidade e a competência histórica.¹³

O contexto gerado pela pandemia pode ser compreendido, nesse sentido, como parte da cultura histórica em que esses estudantes se encontram como leitores, ouvintes e espectadores envolvidos nos acontecimentos, nas mudanças repentinas que afetaram de forma intensa o cotidiano escolar e das aprendizagens históricas. A partir desse contexto, os indivíduos, grupos e coletividades não se desvinculam do passado, mas reagem de forma mais direta aos problemas presentes e criam expectativas para o futuro, constituindo as identidades históricas. E quando discutimos a capacidade de lidar com essa história, tratamos da competência histórica.

Portanto, cabe pensarmos, a partir das respostas dadas pelos estudantes nessa investigação, como eles estão reagindo a essas mudanças e que aprendizagens estão construindo em condições aparentemente controversas e limitadoras das relações ensino e aprendizagem nas escolas. Pensando a partir das dimensões da aprendizagem apontadas por Rösen¹⁴, como o contexto de crise gerado pela pandemia afeta, como experiência do tempo

presente, as interpretações, a orientação e as motivações desses estudantes diante do tempo e da história?

Na questão que solicitou aos estudantes que apontassem a forma através da qual eles vêm participando das aulas de História no ensino remoto, 75,4% dos estudantes do Ensino Fundamental II indicaram que as atividades são disponibilizadas por meio de aplicativos de mensagens, por *email* ou outros recursos; em seguida, aparecem as aulas por videoconferência (65,9%), vídeos do *Youtube* (25,4%), estudo autônomo utilizando *sites* da internet (19,8%), vídeos gravados por professores (19,8%), atividades indicadas em *sites* da internet (19%), atividades enviadas pela escola de forma impressa (16,7%), outras formas (10,3%) e leitura em materiais impressos (6,3%). No Ensino Médio, as respostas foram as seguintes: aulas por videoconferência (79,3%), atividades disponibilizadas por meio de aplicativos de mensagens, por *email* ou outros recursos (71,7%), vídeos do *Youtube* (46,7%), atividades indicadas em *sites* da internet (35,9%), estudo autônomo utilizando *sites* da internet (27,2%), vídeos gravados por professores (22,8%), atividades enviadas pela escola de forma impressa (16,3%), leitura em materiais impressos (15,2%) e outras formas (8,7%).¹⁵ Todas essas alternativas encontradas pelas escolas para suprir o ensino na condição não presencial interferem na aprendizagem. Percebemos que há uma variabilidade nas respostas entre o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, relacionada à frequência no uso dos recursos e modalidades de ensino remoto; no entanto, identificamos que predominam o uso das videoconferências e da disponibilização de materiais através de *email* e aplicativos de mensagens. Em seguida, aparecem os vídeos do *Youtube* ou gravados pelos professores, bem como o uso de *sites* para estudo, indicados ou de forma espontânea/autônoma. É evidente, em ambos os níveis, a baixa porcentagem de estudantes que utilizam materiais impressos para estudar História (jornais, revistas, livros), um aspecto que já aparecia como tendência no ensino presencial, mas com o distanciamento social e a inviabilidade de acesso a acervos tornou ainda mais frequente.

Considerando esse quadro de percepções até aqui apresentado, podemos analisar algumas narrativas desses estudantes a partir de questões que relacionam as aprendizagens históricas ao contexto da pandemia como marca do tempo presente. Como essas crianças e jovens mobilizam as suas experiências, interpretações, orientações e motivações na construção de uma narrativa síntese? Para isso, no formulário do Ensino Fundamental II disponibilizamos uma imagem representando duas realidades paralelas: no campo esquerdo, há uma criança estudando em um ambiente repleto de recursos e condições favoráveis ao

estudo domiciliar; no campo direito, espelhando a primeira imagem, há uma criança na mesma situação, porém situada em um ambiente inapropriado para o ensino remoto, sem iluminação, sem acesso à internet e com pouquíssimos recursos materiais disponíveis.

No formulário direcionado aos estudantes do Ensino Médio, a imagem disponibilizada é composta por uma montagem representando três momentos da história da humanidade marcados por pandemias: uma enfermaria mostrando pessoas atingidas pela Gripe Espanhola, uma ilustração correspondente à Peste Negra europeia e uma imagem relacionada ao tempo presente, mostrando pessoas usando máscaras para prevenir a disseminação do Novo Coronavírus. A partir da ilustração e da fotomontagem, solicitamos que os estudantes de Goiás escrevessem sobre as suas impressões e conhecimentos relacionados às imagens, sem mencionarmos no enunciado a necessidade de menção aos conteúdos de História ou ao contexto da pandemia. Nossa intenção foi perceber as ideias históricas que, espontaneamente, esses estudantes empregariam ou não para analisar as representações e construir a sua narrativa. Nesse momento, percebemos a possibilidade de identificar algumas categorias possíveis para compreender as narrativas de crianças e jovens e suas relações com a cultura histórica, bem como a função que as aprendizagens históricas assumem nessas interpretações elaboradas durante a suspensão das aulas presenciais, mas que provocam, conforme já mencionou Saddi¹⁶, um “estado de suspensão” diante do desconhecido, do imprevisto, do aparentemente inexplicável. Que mudanças a realidade da pandemia e do distanciamento social, que por sua vez geraram a necessidade do ensino não presencial, podem provocar na compreensão histórica do presente e do passado? Que perspectivas esses estudantes podem produzir para o futuro pós pandemia?

Narrativas históricas a partir do tempo presente

As percepções dos estudantes nesse contexto gerado pela pandemia do Novo Coronavírus e a suspensão das aulas presenciais podem apontar para inúmeras questões a serem consideradas por pesquisadores e docentes que buscam compreender como as crianças e jovens aprendem História nas escolas ou mesmo além dos muros institucionais.

As impressões que aparecem nos dados quantitativos da investigação devem ser compreendidas no contexto onde foram constatadas. Ou seja, os estudantes que responderam aos questionários estão inseridos numa trama de significados que não podem ser compreendidos sem a análise qualitativa dessas narrativas. Nesse sentido, lembramos que Jörn Rüsen já nos apontou caminhos para compreender a tipologia das narrativas construídas

historicamente. O autor destaca que há uma natureza específica e peculiar da explicação histórica, e essa ideia se tornou meio e objetivo de aprendizado e educação. Mas as discussões sobre consciência histórica não vinham sendo integradas ao ensino e à aprendizagem em História, até que as investigações o campo da Educação Histórica passaram a investir nessa tarefa. Esta mediação precisa mais que habilidades normais dos historiadores.

Segundo o pensador alemão, é necessário perguntar: como a História é levada aos estudantes? Para responder a essa questão, deve-se levar em conta que a consciência histórica cobre todas as formas de pensamento histórico. E a História não lida só com o passado, pois requer operações mentais que definem a peculiaridade do pensamento histórico. Por isso, cabe a nós, como investigadores e docentes, compreender a formação dessa consciência a partir das experiências de vida no presente. A pandemia e o ensino remoto são duas variáveis da realidade que precisam ser observadas, registradas, questionadas e discutidas, somando-se a tantas outras demandas que o contexto de crise impôs à humanidade nos diversos âmbitos sociais (economia, política, saúde, meio ambiente, por exemplo).

Como essas narrativas de estudantes podem ser compreendidas? As pessoas atuam no tempo e no espaço através de suas formas de narrar. O significado que o mundo tem para cada geração se dá pelo processo de lembrar e recorrer ao passado, sustentando visões de mundo, percepções da realidade e projeções para o futuro. Este processo, segundo Rüsen¹⁷, se dá de forma coletiva, ainda que a narrativa seja individualizada. As narrativas são como fios que se entrelaçam, inter cruzando as vivências individuais e coletivas. Nas palavras do autor: “O saber histórico é constituído narrativamente.”¹⁸

Porém, a forma narrativa só se torna histórica quando articula o tempo passado com o entendimento do presente e as perspectivas para o futuro. O resultado dessas articulações pode ser apresentado de diferentes formas: análise, descrição, reflexão, interpretação, dentre outras maneiras de referenciar o passado na narrativa elaborada no presente.

Compreender como se dão estas narrativas requer, portanto, a visualização da teoria da história como ciência e a sua atuação na vida prática. Essa compreensão só se dá quando “[...] as histórias são concebidas como partes indispensáveis da orientação cultural da vida humana prática.”¹⁹ As narrativas suprem as carências humanas no tempo; suas angústias diante da realidade precisam destes referenciais para a constituição das identidades que compõem o tecido social.

Ao darem sentido à vida humana, as narrativas afirmam verdades. Acima de qualquer verdade cultural, está a ideia de que *é verdade* aquilo que faz a vida mais “feliz” ou “boa”. As

histórias geram concordâncias na medida em que a narrativa histórica oferece “[...] uma orientação prática e uma representação de pertencimento (identidade) partilhadas pelos receptores.”²⁰ No entanto, essa concordância não significa anulação de diferenças, mas a valorização da alteridade na composição da vida humana. Isso significa que a cientificidade não pode contrariar a diversidade cultural, mas relacioná-la de forma crítica, fazendo valer o “[...] potencial antropológico do espírito humano, que não se dissolve em suas formas culturais específicas, e sim remanesce tributário de um *humanum* comum.”²¹

Partindo desse referencial sobre a função da narrativa no campo da História, percebemos que entre os estudantes da Educação Básica de Goiás o contexto presente interfere na construção de sentido que procuram dar aos acontecimentos, empregando conceitos substantivos e de segunda ordem na organização de suas explicações para as imagens apresentadas em cada nível. Lembramos que a imagem apresentada aos estudantes do Ensino Fundamental tinha mais conexão com o tempo presente, apesar de estar associada às desigualdades sociais na pandemia, o que implica em explicações históricas. Já para o Ensino Médio foi proposta a análise de uma imagem que mostra diferentes temporalidades, abordando de forma mais direta a mudança histórica. Porém, além das imagens, outras questões também revelaram narrativas dos estudantes sobre a função do conhecimento histórico, quando foi solicitado que comparassem a importância da disciplina História no ensino presencial e no ensino remoto. Assim, foi possível categorizar essas ideias e identificar, nesse primeiro momento da investigação, quatro tipos de narrativas predominantes:

a) vinculação estrita ao passado: nesse conjunto, situam-se narrativas que descrevem as imagens associando-as a períodos da história fixos no tempo, sem estabelecer relações com o presente ou com a situação da pandemia do Novo Coronavírus. Para exemplificar esse tipo de narrativa, podemos citar a seguinte elaboração: “[...] a peste negra ou também peste bubônica ocorreu na Europa e teve como consequência várias mortes causadas pela doença, onde as pessoas também tinham que ficar isoladas” (Estudante do 2º Ano do Ensino Médio, 17 anos, feminino, Inhumas - GO). No nível fundamental, as narrativas desse tipo apareceram de forma mais evidente nas questões sobre a importância do estudo de História, seja no ensino presencial ou remoto. Um estudante do 8º Ano do Ensino Fundamental de Goiânia (14 anos, feminino) afirmou que considera importante manter as aulas de História mesmo no período da pandemia “[...] porque não podemos para de estudar a história dos nossos antepassados”. São narrativas que situam o conhecimento sobre o passado nessa temporalidade, desconectando da

vida no presente. Nessa perspectiva, os estudantes não estabelecem conexões entre as temporalidades e a história só se refere ao que já não se pertence mais ao presente.

b) crítica situada no presente: esses alunos problematizam e buscam as causas do contexto presente, mas não estabelecem relações com o passado. Associam as consequências da pandemia a sujeitos e ações recentes, construindo argumentos críticos, porém sem perceber sentido na mudança histórica. Assim, temos narrativas como as que seguem:

O passado sim tem alguma importância mas não acho que seja preciso estudar o passado para entender o presente e o futuro (Estudante do 9º Ano do Ensino Fundamental, 14 anos, masculino, Goiânia – GO).

[...] aí mostra a desigualdade, de classe social, e isso afeta diretamente, ao estudo da criança e do adolescente! (Estudante do 8º Ano do Ensino Fundamental, 13 anos, masculino, Goiânia – GO).

[...] durante a pandemia as aulas estão sendo online, para que os alunos não fiquem prejudicados em seus estudos, mas infelizmente, há alguns alunos que não têm o privilégio de aprender com as aulas online, pois não têm condição para ter internet ou até mesmo um celular. Por isso acabam tendo que pegar as atividades impressas no colégio, mas perdem o privilégio de ter aulas com os professores, um momento onde eles podem tirar suas dúvidas (Estudante do 9º Ano do Ensino Fundamental, 14 anos, feminino, Goiânia – GO).

Sim, pois as escolas não disponibilizam o material (celulares, computadores, etc.) para todos, por razões óbvias. Então isso é a realidade que muitos vivem, pois um aluno tem mordomia e um bom lar, assim podendo assistir às aulas virtualmente. Quanto ao outro aluno, está se esforçando em um lugar de não muito conforto e não possui um eletrônico que lhe dê a possibilidade de participar das aulas virtuais, causando assim uma injustiça (Estudante do 8º Ano do Ensino Fundamental, 14 anos, gênero não informado, Goiânia – GO).

Sim, pois essa imagem remete à desigualdade social e a imagem mostra essa enorme desigualdade, mostrando que muitas vezes o ambiente de estudo dentro das casas é precário pra grande parte da população que tinha na escola uma melhor estrutura (Estudante do 8º Ano do Ensino Fundamental, 13 anos, feminino, Goiânia – GO).

Em síntese, são narrativas que evidenciam as questões que permeiam as diferentes condições de acesso ao conhecimento durante a pandemia e o ensino remoto, mas não há vinculação ao passado. Os conteúdos que esses estudantes citam nas questões anteriores, quando perguntados sobre o que aprenderam ou não nas aulas de História, não são empregados para analisar as imagens do presente.

A imagem apresentada aos estudantes do Ensino Médio também incentivou narrativas de tipo crítico, mas limitado a leituras do presente:

Elas representam para mim medo, sensação de insegurança, como se fosse uma pausa na humanidade (Estudante do 3º Ano do Ensino Médio, 17 anos, feminino, Inhumas – GO).

[...] a pandemia é uma consequência da falta de preocupação por parte do governo com a saúde brasileira. Se tivéssemos um governo melhor, a situação seria mais fácil de lidar (Estudante do 3º Ano do Ensino Médio, 17 anos, masculino, Inhumas – GO).

Muitas mortes por causa do vírus, o povo anda *tudo* coberto com medo, fora os que nem *sai* de casa, e há outras muitas pessoas reunidas porém todas com máscara, porque tem que ser assim agora quando precisamos sair de casa (Estudante do 1º Ano do Ensino Médio, 15 anos, masculino, Formosa – GO).

[...] no período que estamos agora está tão difícil, pois ninguém imaginava que iríamos passar por essa pandemia que estamos passando! Sempre usando máscara com todos os cuidados! Está tudo tão difícil nessa pandemia! (Estudante do 1º Ano do Ensino Médio, 15 anos, feminino, Urutaí – GO).

c) presente como continuidade e repetição do passado: nessas narrativas, percebemos a intenção de relacionar a pandemia e suas consequências a situações do passado, estabelecendo relações de causa e efeito diretas entre as diferentes temporalidades; enfatizam o caráter exemplar da história. Nesse sentido, a narrativa a seguir, construída a partir da análise da imagem proposta, exemplifica esse tipo de elaboração:

Tem aspectos parecidos como máscara, leitos lotados, retratam exatamente o que estamos vivendo em uma sociedade doente e que necessita urgente de mais empatia pelo próximo na qual através de uma doença viral foi mostrado o quanto necessitamos valorizar a ciência juntamente com seus pesquisadores, os professores, a natureza, enfim, vários outros fatores que eram deixados de lado. Hoje como uma estudante do E.M da rede pública eu lhe afirmo: tudo na vida ocorre por um propósito, portanto devemos valorizar as pequenas coisas como um puxão de orelha do professor entre outras, enfim podemos fazer desse momento uma etapa que passamos para chegar ao nosso progresso pessoal, não está sendo fácil! Mas não é impossível (Estudante do 2º Ano do Ensino Médio, 16 anos, feminino, Inhumas – GO).

Nesse conjunto de narrativas, identificamos a tendência a referenciar o passado como exemplo para o presente e para o futuro, a partir do qual são extraídas lições. Como menciona a estudante, “tudo que ocorre tem um propósito”. Essa ideia está presente em diversas passagens elaboradas pelos estudantes do Ensino Fundamental e Médio na primeira etapa dessa investigação. Percebemos que a “história mestra da vida” ainda marca de forma significativa a aprendizagem histórica de crianças e jovens no Estado de Goiás. A história, nessa perspectiva, se repete em diferentes temporalidades, como expressa a seguinte narrativa:

Na imagem anterior médicos e quem convivia com pessoas que estavam com Peste Negra tinham que se proteger da doença. O mesmo acontece hoje, devemos usar máscara e nos proteger contra o Coronavírus, ou seja, um acontecimento de décadas atrás está se passando coincidentemente nos dias atuais novamente (Estudante do 3º Ano do Ensino Médio, 17 anos, feminino, Inhumas – GO).

d) reflexão a partir de relações entre passado, presente e futuro: nesse grupo, identificamos narrativas que estabelecem relações passado-presente-futuro, identificando as mudanças e permanências, bem como as especificidades de cada contexto; não empregam a noção de “regras gerais” da história, elaborando críticas de tipo genético.

Para mim elas representam períodos difíceis e transformadores por causa de doenças. Estão sim relacionadas aos dias de hoje em diversos aspectos, tanto nas mortes quanto na alta transmissão por se tratar de epidemias (Estudante do 3º Ano do Ensino Médio, 17 anos, feminino, Goiânia – GO).

[...] essas imagens estão relacionadas com a atualidade, visto que retratam períodos de dificuldade sanitária que podem ser comparados à pandemia de COVID. A segunda imagem representa as “máscaras” usadas na Peste Negra que podem ser comparadas às máscaras usadas atualmente (Estudante do 3º Ano do Ensino Médio, 18 anos, feminino, Goiânia – GO).

As imagens representam a "sobrevivência". Elas estão totalmente envolvidas em nossos dias atuais. Já como as imagens mostram, todos estão passando por situações onde têm que se proteger, em cada imagem, e uma "peste" que está causando um caos e todos têm que se proteger (Estudante do 2º Ano do Ensino Médio, 15 anos, feminino, Nova Crixás – GO).

[...] no período da peste Negra não se tinha muito conhecimento sobre o assunto até ele se alastrar completamente, hoje nós sabemos tudo sobre COVID-19 mesmo assim a negligência nas formas de prevenção continuam (Estudante do 2º Ano do Ensino Médio, 16 anos, feminino, Goiânia – GO).

Assim como o Coronavírus, essas imagens tratam de outras "pestes", não me lembro exatamente de quais, mas se não estou enganada a segunda é uma "gripe" (não me lembro o nome da doença) que teve na França e em todo lugar, a terceira é mesmo o Covid. Estão sim relacionadas, pois todas foram uma extrema pandemia, em tempos diferentes, mas sim (Estudante do 2º Ano do Ensino Médio, 17 anos, feminino, Goiás – GO).

[...] vemos imagens de pandemias passadas como a da gripe espanhola, e uma muito atual que é a pandemia do novo coronavírus. Estão relacionadas aos dias atuais no que diz respeito a processos parecidos, como o uso de máscara de acordo com a época, isolamento, distanciamento social etc (Estudante do 2º Ano do Ensino Médio, 16 anos, feminino, Goiânia – GO).

A cultura histórica se forma a partir dessas relações construídas entre passado e presente, na escola e para além dela. A reflexão sobre o ensino de História, portanto, deve levar em conta as duas dimensões: a interna, que diz respeito à formação docente e à organização das práticas de ensino; e a externa, que está relacionada ao ambiente social e

cultural e à repercussão da história na formação do pensamento, da consciência e da cultura histórica.²²

Os estudantes precisam encontrar na disciplina de História a possibilidade de pensar sobre as questões do presente para as quais não têm respostas sem o conhecimento do passado. Essa é a missão do ensino de História: provocar correlações entre a experiência cotidiana e o passado historicizado. Assim, eles percebem que o passado diz respeito a eles e às pessoas com as quais convivem, mesmo que ele se refira a espaços e tempos distantes. “O interesse do grupo é despertado, pois, por uma identificação (mesmo se superficial) com a questão suscitada pela reflexão histórica.”²³ A partir daí, passa-se para a problematização e a busca de respostas críticas que contribuam para a expansão da identidade e da consciência histórica do presente.

Diante do exposto, como podemos nos apropriar dessas narrativas históricas construídas pelos estudantes de Goiás no presente de incertezas e angústias para compreender de forma mais abrangente as formas e conteúdos do pensamento histórico nos diferentes espaços de aprendizagem? A investigação que deu origem a esse texto ainda está em andamento, mas já nos oferece evidências das percepções e narrativas construídas pelos sujeitos envolvidos, num momento de suspensão que vem gerando novas perguntas e possíveis respostas às carências de orientação no tempo.

Considerações finais

A partir da investigação aqui analisada em sua fase inicial, pretendemos elaborar um mapeamento das mudanças e permanências apresentadas durante o período em que os estudantes goianos aprenderam História através de aulas remotas, identificando as ideias elaboradas, as interferências do contexto de crise sanitária e de seus desdobramentos sobre a forma como os alunos e alunas interpretam o tempo e o mundo onde vivem.

Este estudo dará sustentação a posteriores análises no pós-pandemia, quando poderemos olhar para estas respostas e narrativas elaboradas pelos estudantes durante a experiência de enfrentamento da realidade. Considerando a trajetória de investigações em Educação Histórica, teremos subsídios para pensar o processo de aprendizagem histórica e de formação da consciência histórica em situações não programadas, em que os sujeitos têm que improvisar, se adaptar e reelaborar as suas leituras da realidade, do passado e do presente, perspectivando o futuro diante da crise de orientação.

Jörn Rüsen já apontou os quatro desafios que o ensino de História vem enfrentando e como podem levar à formação de uma consciência histórica e a uma visão humanista da realidade. O primeiro desafio se refere às incertezas e indefinições que se dão acerca das identidades nacionais, antes coesas e unificadas, mas hoje confrontadas com multiplicidades étnicas e sub e transidentidades resultantes das migrações. A segunda questão desafiadora é aquela relacionada à busca de uma identidade em meio à multiplicidade de identidades no mundo contemporâneo. O terceiro desafio diz respeito aos ataques que racionalidade ocidental vem enfrentando, que derrubam a sustentação e a estabilidade de antigas concepções e verdades contestadas por estudos pós-coloniais e pós-modernos. O quarto desafio reside na nova relação com a natureza, que se redesenha e envolve as múltiplas identidades diante dos problemas ambientais e agora despertam também uma reconfiguração da História em relação ao meio natural.

Pensando a partir desses quatro desafios, podemos compreender o cenário da pandemia do Novo Coronavírus como um exemplo desse quadro apresentado por Rüsen, mas que traz consigo as “imprevisibilidades do previsível”. Assim, nesse contexto, estudantes e professores foram lançados a interações estritamente virtuais, gerando inquietações para as quais há poucas respostas seguras, mas multiplicam-se experiências que surgem da necessidade do enfrentamento do que a realidade impõe.

A investigação desenvolvida com estudantes do Estado de Goiás pretende acompanhar, mesmo que virtualmente, os desdobramentos do ensino de História em tempos de pandemia, captando as impressões, as angústias, as dúvidas e tantas outras expressões que revelam a experiência do tempo, a sua interpretação e as consequentes novas formas de orientação e motivação daí resultantes. Pensar esse processo em momento de suspensão pode nos ajudar a compreender melhor como ele ocorre (ou ocorria) nas aulas presenciais, que outrora consideramos desafiadoras e hoje, diante do que se apresenta como real, convencionamos chamar de “normais”.

Notas

¹ SADDI, Rafael. O Estado de Suspensão na aprendizagem histórica: a força estética do conhecimento histórico na instauração de um momento sublime de consciência histórica. *Revista História Hoje*, v. 5, nº 9, p. 113-130, 2016, p. 114.

² BARCA, Isabel. Narrativas históricas de alunos em espaços lusófonos. In: BARCA, Isabel (org.). *Consciência Histórica na Era da Globalização*. Centro de Investigação em Educação. Universidade do Minho: Braga, 2011.

³ SOBANSKI, Adriane de Quadros. *Como os professores e os jovens estudantes do Brasil e de Portugal se relacionam com a ideia de África*. Dissertação (Mestrado) – PPGE, UFPR, Curitiba, 2008.

⁴ NECHI, Lucas. *Educação Histórica e religião: aproximações a partir de um estudo da consciência histórica de jovens alunos*. Dissertação (Mestrado) – PPGE, UFPR, Curitiba, 2011.

⁵ GEVAERD, Rosi. *A narrativa histórica como uma maneira de ensinar e aprender história*. Tese (Doutorado) – PPGE, UFPR, Curitiba, 2009.

⁶ FRONZA, Marcelo. *A intersubjetividade e a verdade na aprendizagem histórica de jovens estudantes a partir das histórias em quadrinhos*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, PPGE, Curitiba, 2012.

⁷ GERMINARI, Geyzo. *Educação Histórica: a construção de um campo de pesquisa*. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.42, p. 54-70, jun. 2011.

⁸ RÜSEN, Jörn. *Teoria da história: uma teoria da história como ciência*. Trad. Estevão C. Rezende Martins. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

⁹ BARCA, Isabel. *História e diálogo entre culturas: contributos da teoria de Jörn Rüsen para a orientação temporal dos jovens*. *Intelligere - Revista de História Intelectual*, vol. 3, n. 2, out. 2017, p.1-13.

¹⁰ BARCA, Isabel. *Ideias chave para a educação histórica: uma busca de (inter)identidades*. *História Revista*, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 37-51, jan./jun. 2012.

¹¹ Todos os dados quantitativos correspondem aos formulários respondidos entre 28 de agosto e 6 de outubro de 2020.

¹² Nessa etapa da pesquisa, responderam ao formulário estudantes das seguintes cidades de Goiás: Inhumas, Goiás, Goiânia, Formosa, Faina, Anicuns, Urutaí, Nova Crixás, Ipameri, Uruana, Abadia de Goiás, Planaltina, Paraúna, Nova Iguaçú de Goiás e Goianira.

¹³ VON BORRIES, Bodo. *Jovens e consciência histórica*. Organização e tradução de Maria Auxiliadora Schmidt, Marcelo Fronza, Lucas Pydd Nechi. 1ª reedição. Curitiba: W&A Editores, 2018.

¹⁴ RÜSEN, Jörn. *Teoria da história: uma teoria da história como ciência*. Trad. Estevão C. Rezende Martins. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

¹⁵ As porcentagens ultrapassam o total de 100% pois nessa questão cada estudante pode assinalar todas as alternativas consideradas pertinentes à sua situação no ensino remoto.

¹⁶ SADDI, Rafael. *O Estado de Suspensão na aprendizagem histórica: a força estética do conhecimento histórico na instauração de um momento sublime de consciência histórica*. *Revista História Hoje*, v. 5, nº 9, p. 113-130, 2016, p. 114.

¹⁷ RÜSEN, Jörn. *Narrativa histórica: fundamentos, tipo, razão*. In: MARTINS, Estevão de Rezende; SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel. *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

¹⁸ RÜSEN, Jörn. *Teoria da história: uma teoria da história como ciência*. Trad. Estevão C. Rezende Martins. Curitiba: Editora UFPR, 2015, p. 81.

¹⁹ RÜSEN, Jörn. *Teoria da história: uma teoria da história como ciência*. Trad. Estevão C. Rezende Martins. Curitiba: Editora UFPR, 2015, p. 81.

²⁰ RÜSEN, Jörn. *Teoria da história: uma teoria da história como ciência*. Trad. Estevão C. Rezende Martins. Curitiba: Editora UFPR, 2015, p. 69.

²¹ RÜSEN, Jörn. *Teoria da história: uma teoria da história como ciência*. Trad. Estevão C. Rezende Martins. Curitiba: Editora UFPR, 2015, p. 71.

²² MARTINS, Estevão C. de Rezende. *Teoria e Filosofia da História*. Contribuições para o Ensino de História. Curitiba: W&A Editores, 2017.

²³ MARTINS, Estevão C. de Rezende. *Teoria e Filosofia da História*. Contribuições para o Ensino de História. Curitiba: W&A Editores, 2017, p. 271.

Referências

BARCA, Isabel; ALVES, Luís Alberto Marques (coord.). *Educação Histórica: Perspectivas de Investigação Nacional e Internacional (XV Congresso das Jornadas Internacionais de Educação Histórica)*. Porto: CITCEM, 2016.

BARCA, Isabel. *Ideias chave para a educação histórica: uma busca de (inter)identidades*. *História Revista*, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 37-51, jan./jun. 2012.

BARCA, Isabel. Narrativas históricas de alunos em espaços lusófonos. In: BARCA, Isabel (org.). *Consciência Histórica na Era da Globalização*. Centro de Investigação em Educação. Universidade do Minho: Braga, 2011.

BARCA, Isabel. História e diálogo entre culturas: contributos da teoria de Jörn Rüsen para a orientação temporal dos jovens. *Intelligere - Revista de História Intelectual*, vol. 3, n. 2, out. 2017, p.1-13.

FRONZA, Marcelo. *A intersubjetividade e a verdade na aprendizagem histórica de jovens estudantes a partir das histórias em quadrinhos*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, PPGE, Curitiba, 2012.

GERMINARI, Geyzo. Educação Histórica: a construção de um campo de pesquisa. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.42, p. 54-70, jun. 2011.

GEVAERD, Rosi. *A narrativa histórica como uma maneira de ensinar e aprender história*. Tese (Doutorado) – PPGE, UFPR, Curitiba, 2009.

MARTINS, Estêvão C. de Rezende. *Teoria e Filosofia da História*. Contribuições para o Ensino de História. Curitiba: W&A Editores, 2017.

NECHI, Lucas. *Educação Histórica e religião: aproximações a partir de um estudo da consciência histórica de jovens alunos*. Dissertação (Mestrado) – PPGE, UFPR, Curitiba, 2011.

RÜSEN, Jörn. *Teoria da história: uma teoria da história como ciência*. Trad. Estêvão C. Rezende Martins. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

RÜSEN, Jörn. Narrativa histórica: fundamentos, tipo, razão. In: MARTINS, Estêvão de Rezende; SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel. *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

RÜSEN, Jörn. Forming Historical Consciousness – Towards a Humanistic History Didactics. *Antíteses*, v. 5, n. 10, p. 519-536, jul./dez. 2012.

SADDI, Rafael. O Estado de Suspensão na aprendizagem histórica: a força estética do conhecimento histórico na instauração de um momento sublime de consciência histórica. *Revista História Hoje*, v. 5, nº 9, p. 113-130, 2016.

SILVA, Maria da Conceição. Educação Histórica: perspectivas para o ensino de história em Goiás. *Saeculum - Revista de História* [24]; João Pessoa, p. 197-211, jan./ jun. 2011.

SOBANSKI, Adriane de Quadros. *Como os professores e os jovens estudantes do Brasil e de Portugal se relacionam com a ideia de África*. Dissertação (Mestrado) – PPGE, UFPR, Curitiba, 2008.

VON BORRIES, Bodo. *Jovens e consciência histórica*. Organização e tradução de Maria Auxiliadora Schmidt, Marcelo Fronza, Lucas Pydd Nechi. 1ª reedição. Curitiba: W&A Editores, 2018.

Endereços eletrônicos:

MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL. Disponível em: <coronavirus.saude.gov.br>. Acesso em: 2 jul. 2020.

SINDOIF. Endereço eletrônico da Seção Sindical do Andes – IF. Página criada e mantida pelo SINDOIF. Disponível em:< www.andes.sindoif.org.br>. Acesso em: 26 ago. 2020.

JORNAL DIÁRIO DA MANHÃ. Página criada e mantida pelo Jornal Diário da Manhã. Disponível em: Disponível em: < diariodamanha.com>. Acesso em: 20 ago. 2020.